



LIÇÃO 03

19 de Janeiro de 2025
1º TRIMESTRE 2025
ADULTOS

Murilo Alencar

A Encarnação do Verbo

Esboço Da Lição 03

Do 1º Trimestre

De 2025

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ
Combatendo as Antigas Heresias que se Apresentam com Nova Aparência

Domingo, 19 janeiro de 2025

A ENCARNAÇÃO DO VERBO

O QUE ESTUDAREMOS?

A lição desta semana tem como finalidade apresentar a doutrina bíblica sobre a humanidade de Jesus. Desde o início da Igreja houve tentativas de negar a deidade absoluta de Cristo, bem como a sua ressurreição. Esses grupos céticos tinham a pretensão de desconstruir o testemunho e a autoridade apostólica acerca de Jesus. Nesta lição, veremos como essas heresias se revelam atualmente. Perceberemos que os movimentos heréticos não são novidades. Por isso, importa que a igreja destes dias prossiga firme em seu compromisso de reafirmar a verdade sobre Cristo.

TEXTO ÁUREO – COMPARAÇÃO DE TRADUÇÕES

Assim, a Palavra se tornou ser humano, carne e osso, e habitou entre nós. Ele era cheio de graça e verdade. E vimos sua glória, a glória do Filho único do Pai. (Jo 1.14 NVT).

Charles Swindoll chama a atenção para o fato de que nos dias em que João escreveu esse evangelho, ao final do primeiro século, quando já florescia o gnosticismo, uma perigosa heresia que atacou o cristianismo, muitas pessoas tinham mais dificuldades de aceitar a humanidade de Cristo do que sua divindade. A influência do dualismo de Platão – espírito bom/matéria má – permeava a religião e a filosofia. Os gregos viam a morte como libertação da alma (o aspecto bom da humanidade) da prisão do corpo (o aspecto mau). Os gregos tinham intransponível dificuldade de entender como Deus, sendo santo, pudesse assumir um corpo material, já que a matéria era em si má. A fim de preservar a impecabilidade divina, os filósofos inventaram vários mitos para explicar como Cristo apareceu em forma humana sem ter um corpo material. O mais comum foi o *docetismo*, afirmando que o corpo de Cristo era apenas aparente, mas não real e tangível. A afirmação de João de que o Verbo se fez carne é, portanto, assaz contundente.

VERDADE PRÁTICA

A vinda do Filho de Deus em forma humana é um fato presenciado por muitas testemunhas, por isso a negação da sua historicidade não se sustenta.

- "A vinda do Filho de Deus em forma humana" (Afirmação teológica). Essa afirmação é fundamental para a ortodoxia cristã, pois reafirma a doutrina da Encarnação, como descrita em João 1.14: *"E o Verbo se fez carne e habitou entre nós"*. O docetismo negava essa realidade ao afirmar que Jesus não tinha um corpo humano verdadeiro. No entanto, a Escritura claramente apresenta Cristo como plenamente humano e plenamente divino, como em Filipenses 2.6-7, que fala de Cristo assumindo a forma de servo ao ser feito semelhante aos homens.
- "é um fato presenciado por muitas testemunhas" (Evidência bíblica e histórica). Este ponto se refere ao testemunho histórico sobre a vida de Jesus, que é amplamente documentado nos Evangelhos e em outras fontes. A Bíblia afirma que Jesus foi visto, ouvido e tocado por testemunhas, como relatado em 1 João 1.1-2: *"O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplamos e as nossas mãos tocaram..."*. Esse tipo de evidência é incompatível com a visão docética, que negava a realidade do corpo físico de Cristo.
- "por isso a negação da sua historicidade não se sustenta" (Conclusão). Essa conclusão é bem fundamentada. O docetismo, ao negar a humanidade de Cristo, implica uma rejeição da historicidade do evento da Encarnação. Contudo, a historicidade de Jesus é corroborada por fontes bíblicas e extrabíblicas, como os escritos de Flávio Josefo e Tácito. Negar a humanidade histórica de Cristo, como faziam os docetistas, é contradizer evidências concretas. Além disso, a morte de Jesus na cruz (um evento físico e histórico) e a sua ressurreição são centrais à fé cristã e tornam a ideia docética insustentável.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

I. HERESIAS QUE NEGAM A CORPOREIDADE DE JESUS

1.1 O que é Docetismo?

A LIÇÃO DIZ: *O termo vem do grego dokeo, que significa "ter aparência". O Docetismo é a mais antiga heresia da história da igreja e consiste em negar que Jesus tivesse tido corpo físico humano. Sua humanidade era simplesmente uma aparência, como um fantasma.*

No livro de apoio, o comentarista (SOARES, 2024, p. 34, 35) diz:

O primeiro movimento a negar que o Senhor Jesus veio em carne foi o Gnosticismo, um sistema eclético-filosófico-religioso que surgiu no primeiro século da Era Cristã. O movimento buscava conciliar todas as religiões e decifrar-lhes o sentido por meio da Gnose. Seu período áureo foi entre 135 e 160 d.C., mas há evidência deles no seu estágio incipiente, na época do apóstolo João, em seus últimos dias. O termo gnosticismo provém do grego *gnosis*, que significa conhecimento. Os membros desse movimento ensinavam a salvação por meio de um conhecimento místico e não pela fé em Jesus. Eles eram grupos muito diversificados em suas doutrinas, pois diferiam de lugar para lugar e em seus períodos.

As três cartas de João são consideradas por alguns estudiosos como pertencentes aos últimos trabalhos do NT, datando possivelmente por volta do ano 90. De acordo com essas cartas, uma ideia nova e potencialmente perigosa estava circulando em algumas igrejas cristãs — a de que Jesus de Nazaré não era de fato um ser humano. "Jesus apenas aparentava ser humano; na realidade, ele era divino. A sua humanidade era um espectro, uma ilusão. O termo "docetismo", derivado do verbo grego *dokein* ("parecer"), logo passou a ser usado em referência a esse ensino. Considera-se que a primeira pessoa a usar a palavra "docetismo" nesse sentido foi Serapião, bispo de Antioquia (190-203). De acordo com Ireneu de Lyon, escrevendo perto do final do século II, essas ideias estavam associadas a Cerinto, que viveu na cidade de Éfeso pela época em que as cartas de João estavam sendo escritas.

Ireneu de Leão foi o principal expositor cristão que combateu o gnosticismo em sua obra *Adversus Haereses* (Contra as Heresias). Ele foi discípulo de Policarpo e este, do apóstolo João. Tornou-se bispo de Leão, Gália, atual França, em 177, sendo o teólogo que mais se destacou dentre os demais pais da igreja do século II. Ireneu conta que o apóstolo João, nas termas, notou a presença de Cerinto e precipitou para a saída, pois no seu interior se encontrava o "inimigo da verdade". Esse relato é confirmado mais tarde pelo historiador Eusébio de Cesareia (*Histórias Eclesiásticas*). Ireneu relata ainda que um dia, Macião (herege que compartilhava pensamentos similares a Cerinto) se aproximou do Policarpo e o saudou dizendo "prazer em conhecê-lo". E a resposta de Policarpo foi, eu te conheço como primogênito de Satã.

Assim como o Gnosticismo, o Docetismo é bem diversificado. Compreender as suas origens doutrinárias não é uma missão tão fácil. Alguns argumentaram que o pensamento docético tenha surgido como consequência de influências filosóficas gregas, em particular da dificuldade de se entender como Deus poderia coexistir ao lado da "matéria". Outros sugeriram que o docetismo era consequência de influências judaicas ou que o pensamento refletia a influência crescente de certas formas do gnosticismo incipiente no interior do cristianismo primitivo.

O gnosticismo e o docetismo são movimentos distintos, mas inter-relacionados, que compartilham certas crenças, especialmente no que diz respeito à natureza de Jesus Cristo.

Embora o docetismo não seja uma ramificação direta do gnosticismo, ele compartilha com este a visão negativa sobre a matéria e o corpo físico. Muitos grupos gnósticos incorporaram ideias docéticas em suas crenças, argumentando que, devido à natureza corrupta da matéria, Cristo não poderia ter um corpo físico real. Portanto, o docetismo pode ser visto como uma expressão específica dentro do espectro mais amplo do pensamento gnóstico. Vamos destacar de forma mais enfática o pensamento docentista.

1.2 O que os docetas ensinavam sobre Jesus?

A LIÇÃO DIZ: *Os seguidores dessa heresia ensinavam muitas coisas fora das Escrituras e contrárias à Palavra de Deus.*

É possível identificar dois tipos de docetismo, os quais são claramente relacionados, mas não idênticos.

- O primeiro diz respeito à encarnação de Cristo. De fato, Jesus não poderia ser propriamente humano, pois não haveria nenhum meio pelo qual o divino e o humano pudessem coexistir em um único ser. Cristo teria de ser então de natureza totalmente espiritual.
- O segundo diz respeito ao seu sofrimento na cruz: Mesmo entre aqueles que eventualmente admitiam a possibilidade de Jesus ter um corpo humano, muitos docetistas insistiam que ele não poderia ter sofrido ou morrido realmente. Eles argumentavam que o sofrimento de Cristo na cruz foi apenas uma ilusão ou uma representação simbólica. Essa visão anula o significado do sacrifício expiatório de Cristo, no qual sua morte real é essencial para a redenção dos pecados.

1.3 O que os principais docetas diziam sobre Jesus?

A LIÇÃO DIZ: *Três dos principais heresiarcas negavam que Jesus Cristo tivesse vindo em carne.*

- *Cerinto negava o nascimento virginal de Jesus Cristo e ensinava o Docetismo. Ele foi contemporâneo do apóstolo João em Éfeso.*
- *Saturnino, o principal representante do Gnosticismo sírio, ensinava que Jesus Cristo não nasceu, não teve forma e nem corpo, foi simplesmente visto de forma humana em mera aparência.*
- *Marcião é outro heresiarca que negava ser Cristo verdadeiramente humano, mas quanto ao seu corpo, não se sabe se, na opinião dele, era apenas uma aparência ou de substância etérea.*

Na contramão desses hereges, temos a Bíblia, os credos históricos e a nossa declaração de fé das assembleias de Deus.

Credo de Niceia (325).

Creemos em um só Deus, Pai todo-poderoso, criador de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, isto é, da substância do Pai; Deus de Deus, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial [homoousios] ao Pai; por quem foram feitas todas as coisas que estão no céu ou na terra. O qual por nós homens e para nossa salvação, desceu, se encarnou e se fez homem. Padeceu e ressuscitou ao terceiro dia e subiu aos céus.

Credo Niceno-Constantinopolitano (381).

Creemos em um só Deus, Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. E em um só Senhor, Jesus Cristo, Filho unigênito de Deus, gerado do Pai antes de todos os séculos, luz de luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro, gerado, não feito, consubstancial ao Pai, por quem foram feitas todas as coisas. O qual por nós homens e para a nossa salvação, desceu dos céus, se encarnou pelo Espírito Santo, no seio da virgem Maria, e se fez homem. Também por nós foi crucificado sob Pôncio Pilatos e padeceu e foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia conforme as Escrituras, e subiu aos céus, onde está assentado à direita do Pai.

Declaração de Calcedônia (451).

Fiéis aos santos Pais, todos nós, perfeitamente unânimes, ensinamos que se deve confessar um só e mesmo Filho, nosso Senhor Jesus Cristo, perfeito quanto à divindade, e perfeito quanto à humanidade; verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem, constando de alma racional e de corpo, consubstancial com o Pai, segundo a divindade, e consubstancial a nós, segundo a humanidade; em tudo semelhante a nós, excetuando o pecado; gerado segundo a divindade pelo Pai antes de todos os séculos, e nestes últimos dias, segundo a humanidade, por nós e para nossa salvação, nascido da virgem Maria.

Credo dos Apóstolos. Também conhecido como Credo Apostólico ou Símbolo dos Apóstolos, essa confissão cristã teve início nos primeiros tempos da igreja, mas só alcançou sua forma final por volta do 6º século.

Creio em Jesus Cristo, seu unigênito Filho, nosso Senhor, o qual foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria, padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado; desceu ao Hades; ressuscitou ao terceiro dia.

Declaração de fé das Assembleias de Deus.

As Escrituras Sagradas apresentam diversas características humanas em Jesus. O relato de sua infância enfoca o seu desenvolvimento físico, intelectual e espiritual: "E crescia Jesus em sabedoria, e em estatura, e em graça para com Deus e os homens; o menino crescia e se fortalecia em espírito, cheio de sabedoria; e a graça de Deus estava sobre ele" (Lc 2.40,52). O profeta Isaías anunciou de antemão sobre Emanuel: "manteiga e mel comerá, até que ele saiba rejeitar o mal e escolher o bem" (Is 7.15). Ele tornou-se homem para suprir a necessidade de salvação da humanidade. O termo "Emanuel", que o próprio escritor sagrado traduziu por "DEUS CONOSCO" (Mt 1.23), mostra que Deus assumiu a forma humana e veio habitar entre os homens: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade" (Jo 1.14). A Bíblia ensina tanto a divindade como a humanidade de Cristo: "E todo o espírito que confessa que Jesus não veio em carne não é de Deus" (1 Jo 4.3). A humanidade de Cristo está unida à sua divindade, pois Ele possui duas naturezas, e essa união mantém intactas as propriedades de cada natureza, o que está claramente expresso no seu nome Emanuel. A encarnação do Senhor Jesus fez-se necessária para satisfazer a justiça de Deus: o pecado entrou no mundo por um homem, Adão; assim, tinha de ser vencido por um homem, Jesus. Em sua natureza humana, Jesus participou de nossa fraqueza física e emocional, mas não de nossa fraqueza moral e espiritual.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

II. A AFIRMAÇÃO APOSTÓLICA DA CORPOREIDADE DE JESUS

2.1 "O que era desde o princípio" (Jo 1.1).

A LIÇÃO DIZ: *Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, denominados Evangelhos Sinóticos, apresentam Jesus, ressaltando seus aspectos humanos, ao passo que João reforça o aspecto divino. Os três Evangelhos expõem Jesus exteriormente, enquanto João o revela interiormente.*

João não começa com a genealogia de Jesus como Mateus e Lucas. Isso porque seu propósito é apresentar Jesus como Deus; e, como tal, ele não tem árvore genealógica.

Vamos analisar dois versículos que estão no capítulo 1 do evangelho de João.

No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. (Jo 1.1 NAA).

- No princípio era o Verbo. Ele mesmo não teve um começo, mas existiu desde a eternidade. Para além de onde a mente humana pode ir, o Senhor Jesus estava lá. Ele nunca foi criado. Ele não teve princípio. John Charles Ryle diz que não está escrito: “No princípio o Verbo foi feito”, mas “No princípio era o Verbo”.
- O Verbo estava com Deus. Ele tinha uma personalidade separada e distinta. Ele não era simplesmente uma ideia, um pensamento ou algum tipo de exemplo vago, mas uma pessoa real que viveu com Deus. A expressão grega *pros ton Theon* traz a ideia de “face a face com Deus”. Deus Pai e o Verbo, embora sejam duas pessoas, estão unidos por inefável união.
- O Verbo era Deus. Ele não apenas estava com Deus, mas ele mesmo era Deus. Ele não é meramente um anjo criado ou um ser inferior a Deus, o Pai, investido de poder, da parte do Pai, para redimir os pecadores. Não é menos que o Deus perfeito; é igual ao Pai, no que concerne à sua divindade; ele é Deus e tem a mesma natureza que o Pai, existindo antes da fundação do mundo.

Numa só sentença, o primeiro versículo do evangelho de João declara a eternidade, a personalidade e a deidade de Cristo. Vamos, agora, analisar o segundo texto:

E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai. (Jo 1.14 NAA).

- E o Verbo se fez carne e habitou entre nós [...] William Hendriksen diz corretamente que a expressão se fez tem aqui um sentido muito especial. Não é um “se fez” ou “se tornou”, no sentido de ter cessado de ser o que era antes. O Verbo se fez carne, mas permaneceu sendo o Verbo de Deus (1.1,18).

O Verbo realmente se fez carne? Então, ele é alguém sensível às aflições de seu povo, pois ele mesmo experimentou o sofrimento ao ser tentado. Ele é Todo-poderoso, pois é Deus; assim mesmo, identifica-se conosco, pois é homem.

O Verbo realmente se fez carne? Então, ele pode ser um exemplo perfeito para nossa vida diária. Se tivesse andado entre nós como anjo ou espírito, jamais poderíamos imitá-lo. Mas, por ter vivido entre nós como homem, sabemos que o verdadeiro padrão de santidade é “andar assim como ele andou” (1Jo 2.6). Ele é um modelo perfeito, porque é Deus; mas também é um modelo que corresponde perfeitamente às nossas necessidades, porque é homem.

Por último, o Verbo realmente se fez carne? Então, procuremos ver em nosso corpo mortal uma dignidade real e verdadeira, e não o corrompamos pelo pecado. Fraco e vil como pode parecer, é um corpo que o eterno Filho de Deus não se envergonhou de assumir e levar para o céu. Esse simples fato é uma garantia de que ele ressuscitará nossos corpos no dia final e os glorificará junto com seu próprio corpo.

2.2 A reafirmação apostólica (v. 1 Jo 1b).

A LIÇÃO DIZ: *O apóstolo reitera o que afirma na introdução do seu Evangelho: "O que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida".*

Nos versículos iniciais que abrem a carta (1.1–4), o apóstolo João nos apresenta de forma resumida um dos motivos que o levaram a escrever: dar seu testemunho como apóstolo acerca da humanidade e da divindade de Cristo, para que seus leitores permaneçam na unidade da doutrina apostólica. Desde a abertura da carta, João deixa entrever que tem em vista confrontar as doutrinas errôneas sobre a pessoa de Cristo ensinadas pelos falsos mestres nas igrejas da Ásia.

- “O que era desde o princípio”. A frase “*o que era desde o princípio*” se refere aqui, portanto, à pré-existência (eternidade) e *divindade* de Jesus Cristo. Ou seja, Jesus Cristo não foi criado por Deus Pai em algum tempo antes da criação – ele já existia. “O Filho eterno era antes de sua manifestação histórica: a pregação do Evangelho veio depois” (J. Stott). Com isso, João não afirmava que Jesus já existia antes da sua encarnação com um corpo físico. João afirma, sim, que o Jesus homem, que nasceu, viveu entre nós, e morreu, já existia antes de nós, pois é Deus Filho.
- “o que ouvimos, o que vimos com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalparam”. O Cristo pré-existente se manifestou, João e os demais apóstolos são testemunhas oculares. João emprega palavras vívidas para defender que Jesus era um homem real em um corpo físico. Seu testemunho é claro: ele e os demais apóstolos tiveram contato físico com Cristo, além de vê-lo e ouvi-lo (cf. Jo 1.14). Isto somente seria possível se Jesus fosse uma pessoa real (e não uma aparência de pessoa, como um fantasma; cf. Lc 24.39).

2.3 Uma crença herética (1 Jo 4.2,3).

A LIÇÃO DIZ: *João viveu seus últimos dias na cidade de Éfeso, que era a cidade de Cerinto, o doceta. Os escritos do apóstolo foram, o Evangelho, as três Epístolas e o Livro de Apocalipse, produzidos na última década do primeiro século. Nessa época, o docetismo já se difundia entre os cristãos. Por isso, o apóstolo esclarece, de maneira direta, que todo aquele que nega que Jesus veio em carne não é de Deus (1 Jo 4.3).*

O texto bíblico diz:

Amados, não deem crédito a qualquer espírito, mas provem os espíritos para ver se procedem de Deus; porque muitos falsos profetas têm saído mundo afora. Nisto vocês reconhecem o Espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa isso a respeito de Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual vocês ouviram dizer que viria e que agora já está no mundo. (1 Jo 4.1-3 NAA).

Em vez de uma atitude de credulidade simplista, os crentes deveriam ter uma atitude crítica para com as manifestações alegadamente provenientes de Deus. “Provar” significa, à semelhança do metalúrgico que testa a integridade do metal por meio do fogo, testar a mensagem com a verdade apostólica, para saber qual o espírito que está por detrás dela. João afirma que os espíritos malignos se expressam por meio dos falsos profetas e mestres.

Após alertar seus leitores sobre a atividade dos espíritos malignos por meio dos falsos profetas, João lhes dá o critério pelo qual poderão ver a diferença. Ou seja, pode-se reconhecer a origem do ensino do pregador pelo conteúdo de sua mensagem. Temos diante de nós, mais uma vez nessa carta, o teste doutrinário: “todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus”.

A confissão da encarnação era um teste crucial, pois mestres gnósticos tanto ensinavam que o Verbo divino não podia se tornar humano, negando assim que Jesus de Nazaré era o Cristo de Deus, quanto negavam que Jesus tivesse um corpo real. Para João, isso era a prova de que não eram guiados pelo Espírito Santo.

**Você quer melhorar suas aulas e fazer sua classe da EBD crescer?
Quer ter aulas envolventes utilizando slides, dinâmicas de grupos
Infográficos e fluxogramas?
Aperte agora mesmo **aqui** para conhecer a maior plataforma de auxílio
ao professor da EBD**

III. COMO ESSAS HERESIAS SE REVELAM HOJE?

3.1 Quanto ao nascimento virginal de Jesus.

A LIÇÃO DIZ: *Há movimentos que negam o nascimento virginal de Jesus, como os mórmons e a Igreja da Unificação, e ensinam que Ele não foi gerado pelo Espírito Santo. Negar a concepção e o nascimento virginal de Jesus é uma das marcas desses movimentos.*

O Jesus dos mórmons é diferente do Jesus descrito na Bíblia. Além de negarem o nascimento virginal, eles possuem diversas outras doutrinas igualmente nocivas:

- Um Evangelho e um Jesus diferentes. O Novo Testamento adverte contra "outro evangelho" e "outro Jesus" (Gl 1.8-9; 2 Co 11.4), exatamente o que o mormonismo apresenta. Os mórmons afirmam que seu evangelho foi revelado por anjos, mas o seu conteúdo contradiz a doutrina apostólica registrada na Bíblia.
- Concepção de Jesus. Brigham Young ensinou que Jesus foi concebido através de uma relação física entre Deus Pai e Maria, rejeitando a obra do Espírito Santo. Todavia, a Bíblia afirma que Jesus foi concebido pelo Espírito Santo (Mt 1.18-20; Lc 1.34-35), de forma sobrenatural e virginal, em total oposição à visão mórmon.
- Jesus é casado e polígamo. Líderes mórmons como Orson Pratt alegam que Jesus foi casado e teve várias esposas, supostamente seguindo o exemplo de poligamia de sua época. Porém, a Bíblia não menciona casamento ou filhos de Jesus. A presença de Jesus em um casamento em Caná (Jo 2.2) não implica que Ele fosse o noivo, pois Ele e os discípulos foram convidados. O plano divino é monogâmico (Gn 2.22), e o cristianismo rejeita a poligamia como prática legítima.
- Jesus e Satanás como irmãos. Joseph Smith ensinou que Jesus e Satanás são irmãos espirituais, sugerindo que ambos foram criados por Deus e que Satanás foi expulso por rejeitar o plano divino. No entanto, a Bíblia diz que Jesus é o Criador de todas as coisas, incluindo os anjos e o mundo espiritual (Jo 1.3; Cl 1.16-17). Não há base bíblica para comparar Jesus a Satanás. Jesus é Deus, singular em Sua divindade, e não há semelhança ou equivalência entre Ele e Satanás (Ef 1.21; Cl 2.9).

O Jesus do mormonismo é uma figura incompatível com o Jesus bíblico. Suas doutrinas são incompatíveis com a fé cristã, resultando em um evangelho distorcido que deve ser rejeitado conforme as Escrituras.

3.2 Quanto a morte é a ressurreição de Cristo.

A LIÇÃO DIZ: *O heresiarca gnóstico do Egito, Basilides, negava a crucificação de Cristo. Ele dizia que Simão, o cirineu, transfigurou-se e foi equivocadamente crucificado, sendo tomado pelo povo por Jesus. Assim sendo, Cristo apenas presenciou a crucificação de Simão, seu suposto sócia. O Alcorão, o livro sagrado dos muçulmanos e sua principal fonte de autoridade espiritual, declara que o Senhor Jesus não foi crucificado, que tudo não passou de uma simulação (Alcorão 4.157). Nas notas explicativas de rodapé das edições do Alcorão, eles afirmam que um sócia de Jesus foi levado à cruz, o que se assemelha à ideia de Basilides. Essa doutrina contraria todo o pensamento bíblico e os fatos históricos. A Bíblia ensina que Jesus morreu e ressuscitou dentre os mortos (1 Co 15.3-4).*

Antes de apresentar a teologia islâmica sobre esse assunto, vale destacar que existem muitas teorias contrárias ao que Bíblia ensina quanto a ressurreição de Jesus.

- **Explicação Natural: A Teoria do Mito.** Muitos discutem se a ressurreição de Jesus foi um evento real e histórico ou apenas um mito que segue o padrão de vários deuses de fertilidade que “morrem e ressuscitam” de antigas religiões pagãs (por exemplo, Osíris, Adônis, Ísis). Na realidade, muitos professores universitários, autores liberais e céticos da internet afirmaram que a interpretação da Bíblia sobre a morte e ressurreição de Cristo derivou de religiões pagãs “ocultas”.
- **A Teoria do sepulcro errado.** Esta teoria pressupõe que quando as mulheres retornaram, na manhã de domingo, para honrar a Cristo, foram ao sepulcro errado. O professor Kirsopp Lake, um dos iniciadores dessa teoria, afirma que as mulheres não sabiam onde Jesus havia sido sepultado, e, por equívoco, foram ao sepulcro errado. Como resultado de chegar a um sepulcro vazio, ficaram convencidas de que Jesus havia ressuscitado.
- **A Teoria da lenda.** Alguns afirmam que os relatos da ressurreição são lendas, que surgiram anos depois da época de Cristo. Na realidade, isso seria impossível. Os relatos da ressurreição circularam e foram escritos pelas testemunhas oculares originais. Paulo narrou que em meados dos anos 50 d.C. havia quase 500 testemunhas oculares ainda vivas. E, como vimos, isso já era conhecido no período entre três e oito anos após a época de Cristo.
- **A Teoria da Ressurreição Espiritual.** Essa teoria afirma que o corpo de Cristo deteriorou no sepulcro, e que a sua verdadeira ressurreição foi espiritual. Os adeptos das Testemunhas de Jeová adotam uma forma dessa teoria. Em vez de crer que o corpo de Jesus deteriorou no sepulcro, no entanto, eles creem que Deus destruiu o corpo no sepulcro e que Jesus ressuscitou

em um corpo não material. Essas duas teorias de “ressurreição espiritual” têm problemas intransponíveis.

- A Teoria da alucinação. Uma das teorias mais difundidas para contradizer a ressurreição de Cristo é a de que as testemunhas apenas pensaram que tinham visto o Jesus ressuscitado. De acordo com essa teoria, elas estariam tendo alucinações.
- A Teoria Muçulmana da Substituição. O Alcorão afirma que Jesus não foi crucificado na cruz. Em vez de permitir que Jesus, que era um dos servos de Alá, fosse crucificado, Alá teve respeito pelo seu profeta e o salvou, crucificando, em seu lugar, um espectador que foi transformado em uma pessoa parecida com Jesus. Isso é conhecido como a “teoria da substituição” (Surah 4.157). Tipicamente, Judas Iscariotes ou Simão, o cireneu, é considerado o substituto de Jesus. Em vez de ser crucificado, Jesus subiu aos céus, onde permanece vivo, até o seu retorno à terra, antes do fim dos tempos. A teoria muçulmana da substituição tem sérios problemas históricos.
 - a. Em primeiro lugar, o Antigo Testamento predisse a morte do Messias (veja Is 53.5-10; Sl 22.16; Dn 9.26; Zc 12.10), e ao morrer, Jesus cumpriu essas profecias (veja Mt 4.14; 5.17,18; 8.17; Jo 4.25,26; 5.39).
 - b. Em segundo lugar, Jesus predisse a sua própria morte, muitas vezes, durante todo o seu ministério (veja Jo 2.19-21; Mt 12.40; Mc 8.31). Ele nunca predisse que outra pessoa assumiria o seu lugar. Todas as predições da ressurreição de Jesus, tanto no Antigo Testamento como no Novo, estão baseadas no fato de que Ele morreria pessoalmente (veja Sl 16.10; Is 26.19; Dn 12.2; Mt 12.40).

3.3 Confirmação histórica.

A LIÇÃO DIZ: *A confirmação bíblica e histórica da morte de Jesus é um fato incontestável. Historiadores não cristãos, judeus e romanos, atestaram a morte de Jesus. Flávio Josefo, historiador judeu (37-100 d.C.), disse: 'Acusaram-no perante Pilatos, e este ordenou que o crucificassem. Os que o haviam amado durante a sua vida não o abandonaram depois da morte'. O historiador romano Tácito (55-120 d.C.) escreveu: 'Aquele de quem levavam o nome, Cristo, foi executado no reinado de Tibério pelo procurador Pôncio Pilatos'. A Bíblia declara que Jesus 'depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas' (At 1.3).*

A ressurreição de Jesus foi o evento mais importante da história da humanidade. A ressurreição de Cristo é uma doutrina fundamental para a Fé Cristã. Sem a ressurreição de Jesus não há Evangelho, não há Cristianismo, não há Igreja, não há salvação e não há esperança de vida eterna.

Conforme F. F. Bruce: "Alguns escritores podem brincar com a ideia fantasiosa de um 'mito de Cristo', mas não podem fazê-lo com base nos dados históricos. A historicidade de Cristo é tão certa para um historiador desprovido de preconceitos como é a historicidade de Júlio César". Otto Betz conclui que "nenhum pesquisador sério se aventurou a postular a não historicidade de Jesus". Portanto, temos provas internas e externas a respeito da morte e ressurreição de Jesus.

CONCLUSÃO

A marca inequívoca das falsas religiões é se escandalizar com as verdades acerca de Jesus. Vigiem para que não sejamos enganados por falsos mestres e levados por outro evangelho para longe daquele que nos chamou por sua infinita graça. Deus abençoe até a próxima aula.

ABRA A JAULA – PB. MURILO ALENCAR

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

- SIRE, James W. O Universo ao Lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília: Monergismo, 2017.
- KELLER, T. Fé na era do ceticismo: como a razão explica Deus. São Paulo: Edições Vida Nova, 2018.
- CRAIG, W. L. Em guarda: defenda a fé cristã com razão e precisão. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- GEISLER, N. L. Enciclopédia de apologética: respostas aos críticos da fé cristã. São Paulo: Editora Vida, 2002.
- GRUDEM, W. Bases da fé cristã: 20 fundamentos que todo cristão precisa entender. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.
- MENZIES, W. W.; HORTON, S. M. Doutrinas Bíblicas: os fundamentos da nossa fé. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BOA, K. D.; BOWMAN, R. M. Manual de apologética: abordagens integrativas para a defesa da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 2023.

